

CONSIDERAÇÕES SOBRE A VIVÊNCIA CLÍNICA ORIENTADA PELA ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA EM UM SERVIÇO-ESCOLA DE PSICOLOGIA

Wandeclebson Ferreira Júnior¹

Ana Andréa Barbosa Maux²

RESUMO: Os serviços-escola configuram-se como instituições com importante papel social, contribuindo para a formação de futuros profissionais e facilitado o acesso aos serviços psicológicos para a população. Com base nisso, o presente trabalho visa apresentar a experiência de estágio desenvolvida no Serviço-Escola de Psicologia (SEP) do Centro Universitário Facex – UNIFACEX, localizado na cidade de Natal/RN. A partir desta experiência, foi possível iniciar o processo de compreensão do fazer do profissional de Psicologia junto à sociedade, bem como perceber a importância da existência de um olhar comprometido por parte das instituições de ensino para com a construção profissional de seus estudantes. Espera-se, através deste estudo, fomentar discussões referentes aos diversos desafios envolvidos na transição vivenciada pelo aluno na saída da sala de aula para um contexto de desenvolvimento de atividades práticas. É esperado, ainda, que profissionais e pesquisadores, a partir das discussões contempladas, possam reconhecer o déficit de conteúdo na literatura e desenvolver novas pesquisas que abordem à prática clínica sob a ótica das correntes humanistas, em especial da Abordagem Centrada na Pessoa (ACP).

Palavras-chave: Psicologia Clínica. Psicologia Humanista. Relato de Experiência.

ABSTRACT: The school services are configured as institutions with an important social role, contributing to the training of future professionals and facilitating access to psychological services for the population. Based on this, the present work aims to present the internship experience developed in the Serviço-Escola de Psicologia (SEP) of the Centro Universitário Facex - UNIFACEX, located in the city of Natal / RN. From this experience, it was possible to begin the process of understanding the psychology professional 's work with society, as well as to understand the importance of the existence of a committed view on the part of educational institutions towards the professional construction of their students. Through this study, it is hoped to foster discussions regarding the various challenges involved in the transition experienced by the student leaving the classroom to a context of development of practical activities. It is expected that professionals and researchers, based on the discussions contemplated, can recognize the content deficit in the literature and develop new research that approaches clinical practice from the perspective of humanist currents, especially the Person-Centred Approach (PCA).

Keywords: Clinical psychology. Humanistic Psychology. Experience Report.

¹ Psicólogo; Especialista em saúde da família. Pós-graduando em neuropsicologia clínica.

² Psicóloga; Doutora e Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Carpe Diem: Revista Cultural e Científica do UNIFACEX. v. 17, n. 01, 2019. ISSN: 2237 –8685. Paper avaliado pelo sistema blindreview, recebido em 22 de Outubro de 2018; aprovado em 18 de Janeiro de 2019.

1 INTRODUÇÃO

Fundado em 2011, o Serviço-Escola de Psicologia (SEP) possui estrutura física própria e objetiva proporcionar formação prática aos alunos de Psicologia através de estágios supervisionados, bem como nos âmbitos de extensão e pesquisa. Para tal, oferece atendimento psicológico gratuito à população de baixa renda sob a orientação de profissionais psicólogos – responsáveis técnicos e professores. Os atendimentos acontecem por meio de agendamento ou demanda de urgência e os serviços oferecidos são subsidiados pelas ênfases do curso: Psicologia e Processos Educativos e Psicologia e Processos de Atenção à Saúde, sendo eles: Psicoterapia individual e em grupo com crianças, adolescentes e adultos; Psicodiagnóstico; Psicopedagogia; Orientação Vocacional; Aconselhamento Psicológico; Palestras, Cursos e Rodas de Conversa; Avaliação Institucional; e Consultoria Organizacional e em Recursos Humanos.

Durante a experiência aqui relatada, foram realizados atendimentos de plantão psicológico e triagem psicológica, práticas que serão abordadas mais à frente. Para a efetivação de ambas seguiu-se o referencial teórico da psicologia humanista, mais especificamente da Abordagem Centrada na Pessoa (ACP). A adoção dessa postura implicou em divergências quanto à prática habitual do contexto, confirmando as ideias de Dutra (2013), quando a autora diz constatar que supervisores e aprendizes de psicoterapeutas, ao sustentarem uma perspectiva de atuação distinta das tradicionais no exercício de práticas clínicas, percebem-se caminhando na contramão de uma tendência de respostas imediatistas, algo tão comum atualmente.

A esse respeito, é importante apontar que mesmo que o comentário de Dutra (2013) seja voltado, sobretudo, para a abordagem fenomenológico-existencial, a relação com a vivência da abordagem humanista aqui relatada torna-se inevitável, em grande parte pelo fato de que, apesar de não poderem ser entendidas da mesma maneira, ambas as abordagens tem, na história da Psicologia brasileira, uma vinculação que favorece aproximações até os dias atuais, tendo ambas se originado das mesmas raízes do pensamento psicológico, quais sejam, as chamadas matrizes Românticas ou Pós-românticas. (EVANGELISTA, 2016).

De acordo com Evangelista (2016), as propostas fenomenológicas chegaram ao Brasil a partir dos psicólogos que divulgavam a Abordagem Centrada na Pessoa. Eles, influenciados

pela Psicologia americana, vincularam aos pressupostos rogerianos algumas ideias da fenomenologia que acabaram incorporados à práxis.

A ideia apresentada por Dutra de “de caminhada na contramão” é corroborada pela insuficiência de produções relacionadas à ACP, bem como à dificuldade de discutir questões teóricas e práticas em eventos de cunho profissional da área. Assim, até mesmo profissionais com vasta experiência estão sujeitos a experimentação de dificuldade com os valores e as atitudes de que fala a abordagem frente à dilemas éticos. Por isso, é de extrema importância a existência de momentos não só de debates, como de produção de conhecimento, que possam servir de base para tratar, também, da aplicação da ética da ACP em situações-limite (ARAÚJO; FREIRE, 2014).

Considerando a marcante característica de transformação contínua da Psicologia e a partir do cenário exposto acima, espera-se que este estudo possa agregar conteúdo atualizado à área, encorpando discussões referentes aos desafios presentes nas vivências do estágio clínico em Psicologia, na adoção da ACP como orientação teórica e na própria inserção de alunos em serviços-escola.

2 REFERÊNCIAL TEÓRICO

A Psicologia Clínica, de acordo com Moreira, Romagnoli e Neves (2007), é herdeira do modelo médico, no qual cabia ao profissional observar e compreender para só então intervir, objetivando, exclusivamente, tratamento e cura. Deste modo, antigamente tal fazer se apresentava como uma prática higienista, estando distante das questões sociais. A noção de individualismo caminhou, por muito tempo, junto da Psicologia quase que de maneira inseparável, dificultando a construção de modelos preocupados com a coletividade e fazendo com que o seu ingresso nas políticas públicas se desse de maneira tardia (ZURBA, 2015). No entanto, ao adentrar nos consultórios, o contexto social passou a convidar os profissionais a saírem deles, haja vista que para trabalhar as novas formas de subjetivação e de adoecimento psíquico se fez – e faz – necessário o empenho na compreensão também da realidade local, do contexto de inserção (MOREIRA; ROMAGNOLI; NEVES, 2007).

Por isso, o profissional da área da saúde deve reconhecer a forma de contribuição social que é a sua profissão, devendo ter, para isso, autonomia, aplicando seus conhecimentos na busca de soluções de problemas – tanto clínicos individuais quanto comunitários. Uma vez que seu trabalho é pautado na qualidade técnica e na interação pessoal, relações interpessoais

significativas devem ser estabelecidas com quem se atende, sendo essa uma das justificativas da importância da formação com características humanistas dos egressos (ARAÚJO; VIEIRA, 2013).

Rogers (2009), em sua teoria, aponta para a probabilidade de fracasso das relações de ajuda baseadas em atitudes que consistem em tratar o outro como objeto ao invés de pessoa. Assim, torna-se fundamental a adoção de uma postura verdadeiramente empenhada no cuidado, compreendendo aptidões que podem e são trabalhadas nos serviços-escola, por exemplo.

Araújo e Freire (2014) comentam que Carl Rogers repudiava a maneira como a ciência de sua época estava transformando os indivíduos e, por isso, em seus últimos anos de trabalho, promoveu seu pensamento como algo mais próximo de um estilo de vida do que de uma corrente ou abordagem da Psicologia. Nesse sentido, o trabalho do psicólogo rogeriano consiste, entre outras coisas, em propiciar aprendizagens significativas na forma como os indivíduos valoram as diversas situações e relações que desenvolvem em suas vidas, uma vez que este processo psicoterapêutico caracteriza-se, principalmente, como um processo de auxílio ao sofrimento psicológico que acontece em decorrência da divergência entre a valoração vivida pelo *self* e a orgânica. Assim, a ACP trabalha junto à formação e à transformação de valores a fim da promoção de uma valoração equilibrada, sendo esta uma das mais importantes vias de desenvolvimento pessoal no tocante ao processo psicoterapêutico (ARAÚJO; FREIRE, 2014).

Em síntese, a ACP sustenta firmemente uma crença inabalável na capacidade humana de autorrealização. E partindo dessa crença centrada na pessoa e na sua capacidade de autogestão, a ACP visa promover a facilitação das condições ideais para ela no processo de entrar em contato consigo mesma (RAMALHO; GOMES; TASSIGNY, 2010). Ademais, pensando na formação do profissional de Psicologia, as condições facilitadoras (empatia, aceitação positiva e autenticidade) apresentadas por Rogers (2009) tem uma importância significativa para o desenvolvimento de habilidades básicas para lidar com o sofrimento do outro que chega ao encontro dos estudantes solicitando atendimento psicológico. Para além do aprendizado de teorias, conceitos e técnicas psicológicas, no encontro com o outro, na posição de profissional que presta um serviço de assistência psicológica, o encontro é, parafraseando Rogers e Stevens (1991) em seu título, “de pessoa para pessoa”.

Como apontado por Santiago (2010), seja em situações profissionais ou cotidianas, por vezes chegamos a acreditar que estamos ouvindo abertamente o outro. Entretanto, a escuta é, geralmente, precária, pois escutamos com base no nosso campo referencial. Por isso, apesar de se caracterizar como um dos desafios da Abordagem Centrada na Pessoa, a busca pela compreensão empática do sujeito em sua singularidade é imprescindível para o seu bom desenvolvimento e exercício (SANTIAGO, 2010).

No campo da Psicologia, o treinamento de alunos é uma das finalidades básicas dos serviços-escola. A partir do emprego prático da teoria estudada nas salas de aula, os profissionais podem ampliar os fazeres psicológicos ao passo em que exercitam suas habilidades. Ainda, os serviços-escola se configuram como instituições com importante papel social, posto que através delas o acesso aos serviços psicológicos é facilitado para a população economicamente desfavorecida (HERZBERG, 1996 apud PERES; SANTOS; COELHO, 2012).

Dessa forma, é possível dizer que existem duas clientela atendidas pelos serviços-escola: a de alunos e a da sociedade. Na primeira, existem as demandas específicas que compreendem objetivos educacionais e de desenvolvimento de competências e habilidades. A segunda, por sua vez, conta com demandas também específicas, mas encontra-se mais relacionada ao atendimento de necessidades daqueles que contam com o serviço proporcionado pelas universidades. Por isso, há de se buscar uma articulação entre as duas (AMARAL *et al.*, 2012).

Uma vez atuando no exercício prático da profissão, o estudante necessita de auxílio e disponibilidade contínuos da equipe técnica e docente para a efetivação de um fazer comprometido, responsável e ético frente à pressão e às dúvidas características dessa transição. Menezes e Medrado (2013) destacam a supervisão como o espaço onde o aluno pode, além de descrever seus atendimentos, trocar experiências com o coletivo, abordar dificuldades da vivência clínica e discutir projetos referentes ao estágio.

É de extrema importância, ainda, pontuar o movimento de transformação da Psicologia, que apesar de surgir no Brasil como um projeto de modernização fundamentado em características individualizantes, fortemente influenciado pelo modelo da ciência positivista, tem encarnado um papel de comprometimento social e de agente de transformação e responsabilidade junto às demandas das populações historicamente abandonadas (RECHTMAN, 2015).

É nessa perspectiva que Rechtman (2015) elege a formação como um momento privilegiado e crucial para a organização da categoria, apontando como poderosas armas na luta em prol do futuro almejado por e para ela a preparação desse futuro profissional e a conscientização de sua importância para a construção de uma Psicologia comprometida socialmente.

3 METODOLOGIA

Este estudo é do tipo relato de experiência e objetiva relatar a vivência de estágio em Psicologia Clínica realizada no SEP do UNIFACEX, em Natal/RN. Visando, como o próprio nome indica, descrever experiências, esse tipo de estudo constitui-se como parte importante da produção de conhecimento científico, devendo conter, além da descrição pura e simples de situações e intervenções, reflexões interligadas à vivência e ao aporte teórico utilizado, a fim de contribuir para o crescimento e aprimoramento do estado da arte da área de saber em questão.

A efetivação do referido estágio se deu entre os meses de Setembro e Dezembro do ano de 2016, com carga horária de quatro horas/dia, duas vezes por semana, realizando atividades práticas de atendimento individual ao público-alvo da instituição e participando de supervisões acadêmicas, realizadas em grupo.

Como parte fundamental da formação do profissional psicólogo, a supervisão em estágios em Psicologia é prevista como atividade obrigatória nos cursos de graduação do Brasil (OLIVEIRA-MONTEIRO et al., 2013). Com o intuito de facilitar o desenvolvimento das competências e habilidades terapêuticas esperadas, pautadas na ética e no compromisso com a profissão, é composta, sobretudo, pelo relato honesto do supervisionando e pelo *feedback* e orientação do supervisor (BARLETTA; FONSECA; DELABRIDA, 2012). De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Psicologia (BRASIL, 2004) os estágios devem ser supervisionados por membros do corpo docente da instituição formadora, de modo a assegurar tanto a consolidação como a articulação das competências estabelecidas.

Ao todo foram realizados 25 atendimentos com 6 clientes, sendo eles distribuídos da seguinte forma: 7 atendimentos na modalidade de plantão psicológico e 17 atendimentos na modalidade de triagem. A faixa etária dos clientes variou entre 10 e 36 anos, com prevalência do sexo feminino. No tocante às queixas iniciais, a ansiedade destacou-se como principal

demanda nos atendimentos com o público adulto, enquanto nos atendimentos infanto-juvenis houve uma distribuição mais equilibrada, com demandas relacionadas à aprendizagem, sintomas depressivos e, novamente, relatos de prejuízos no cotidiano atrelados a situações ansiogênicas.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Uma vez que caracterizaram-se como principais atividades desenvolvidas no contexto durante a experiência, o plantão psicológico e a triagem psicológica serão abordados a seguir por meio de relatos práticos embasados por apontamentos da literatura científica. A separação das modalidades de atendimento é pertinente devido às especificidades apresentadas por cada uma delas, além, claro, da possibilidade de uma melhor organização das ideias a serem discutidas.

4.1 PLANTÃO PSICOLÓGICO

O plantão psicológico surgiu como uma modalidade de atendimento proposta pelo Serviço de Aconselhamento Psicológico (SAP) do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IPUSP), em 1969, e baseia-se no modelo de aconselhamento psicológico proposto por Carl Rogers, que enfatizava o próprio cliente ao invés do problema apresentado por ele (REBOUÇAS; DUTRA, 2010). É desse modo que, ainda de acordo com as autoras, o psicólogo pode explorar não apenas a queixa, mas também outras possibilidades que se apresentam diante dela, constituindo a experiência pela disponibilidade e pela flexibilidade em propor alternativas de auxílio.

Em sua implantação, as intervenções baseavam-se na Abordagem Centrada na Pessoa, com uma postura acolhedora relacionada às condições facilitadoras sendo adotada pelo profissional. A crença primordial dizia respeito à tendência do indivíduo ao crescimento e autorregulação ao responder positivamente e criativamente ao seu problema (SANTIAGO, 2010). Nessa perspectiva, o plantonista é atravessado pela completa disponibilidade em realizar o atendimento. Para isso, direciona a sua atenção para os sentidos que se constroem durante esse encontro (DANTAS *et al.*, 2016).

No SEP, essa modalidade de atendimento apresenta diferenças quanto a teoria adotada, uma vez que o caráter emergencial do plantão por vezes se perde em meio ao modo

como as atividades propostas e praticadas pelo contexto são organizadas. A longa lista de espera para os atendimentos de triagem e psicoterapia, associada à quantidade limitada de salas disponíveis e ao número pequeno de estagiários delegados para esta modalidade, acarretam recusas em momentos de busca por atendimentos emergenciais. Nota-se que devido à insuficiência de recursos materiais e humanos frente à alta demanda popular, apesar do esforço de abarcar estas demandas de outras maneiras – seja com a adição de nomes à lista de espera ou com o agendamento para outro dia ou turno –, exclui-se a consideração do aspecto emergencial presente nessas buscas nos momentos em que elas acontecem.

Ainda assim, foi possível vivenciar o plantão psicológico tal como ele é descrito por Oliveira (2005): um espaço capaz de favorecer além da experiência do cliente, a experiência do próprio plantonista, que se apresenta como presente, disposto e disponível. Tais características colocam o psicólogo na posição de alguém que está junto e não apenas como detentor do conhecimento técnico, mas como alguém que está disponível empaticamente para o outro, para o sofrimento, para o inesperado.

No plantão não há restrições de características como idade ou sexo e é função do terapeuta se colocar como uma figura aberta, que se propõe a ajudar escutando a demanda que surgir, mesmo não sabendo qual cliente atenderá no horário e na instituição determinados (SANTIAGO, 2010). Sua eficácia não está atrelada à solução de problemas ou muito menos se resume à simples oferta de respostas esperada pelo cliente, seja para sanar suas dúvidas ou até mesmo inquietações (DUTRA *et al.*, 2016).

Segundo as normas do SEP, esta modalidade de atendimento poderia ser estendida por até quatro semanas caso houvesse interesse por parte da pessoa atendida. Entretanto, com base no referencial teórico adotado enquanto estagiário no contexto, nesse ponto os atendimentos passavam a ser entendidos como escuta clínica, próximo dos moldes do que se considera uma psicoterapia, tendo em vista a discussão acerca do fator tempo e o que de fato pode caracterizar um processo psicoterapêutico. Essa compreensão, contrastante com aquela cristalizada na cultura da instituição, teve como base o entendimento do uso, por vezes equivocado, da modalidade para definir práticas diferentes, além da evidente desconsideração do potencial terapêutico do plantão que, na prática, não apresentava grandes diferenças da triagem, por exemplo.

Logo no primeiro atendimento do estágio, no qual a demanda girava em torno de problemas conjugais e o sofrimento decorrente deles, ficou nítido o sentido prático do

acolhimento. Como sinaliza Rocha (2011), estar de plantão é ter disponibilidade para receber e escutar quem procura por ajuda psicológica, posto que o plantão pode ser entendido como uma modalidade de atendimento na qual é possível tornar mais fácil o processo de compreensão do momento de vida em que o outro se encontra, projetando seu cuidado. Trata-se de um foco na experiência e não prioritariamente no problema, não cabendo ao psicólogo fazer avaliações e julgamentos (ROCHA, 2011). Além disso, a reprodução dos fundamentos da ACP no contexto clínico implica, principalmente, no distanciamento de qualquer tentativa de julgar, seduzir ou modelar o outro – cliente –, devendo-se reconhecer e considerar sua autonomia e protagonismo na própria história (SOUSA, 2014).

Apesar da avaliação positiva ao final do atendimento, é importante destacar elementos como ansiedade, nervosismo e, principalmente, empolgação por parte do terapeuta, aspectos justificados pela euforia – e preocupação – de estar frente a frente com uma pessoa real, com demandas reais, que extrapolavam o perímetro confortável das discussões puramente teóricas e concentradas na sala de aula até então. Com isso, torna-se indispensável a menção à identificação com o que expõe Sousa (2014, p. 10) que, ao refletir sobre o cuidado com o outro, o respeito ao livre arbítrio e ao direcionamento construído por cada pessoa para si, pressupostos básicos da ACP, fala: “pude compreender que ser um terapeuta ‘centrado na pessoa’ requer mais do que a formação em Psicologia e o aprendizado de técnicas [...], exige um aprendizado pessoal no modo de ser e de se relacionar.”.

Ademais, com base na caracterização exposta acima e levando em consideração a disseminação dessa prática em diversos contextos, faz-se necessário ressaltar a contribuição do plantão psicológico para a construção de uma clínica preocupada com sua dimensão social e seu compromisso político, efetivados por meio de novos exercícios e possibilidades de ajuda (DANTAS *et al.*, 2016).

4.2 TRIAGEM PSICOLÓGICA

De acordo com Rocha (2011), a triagem psicológica não é passível de uma única compreensão, podendo ser entendida e praticada de diferentes maneiras. A literatura, por sua vez, destaca duas vertentes: a triagem tradicional e a triagem estendida, também conhecida como triagem interventiva. Sendo a triagem a porta de entrada para qualquer proposta de intervenção, configura-se como ocasião profícua para dar voz às expectativas e, ainda,

compreendê-las e devolvê-las de maneira mais clara a quem se entrevista (CERIONI; HERZBERG, 2016).

Uma prática bastante difundida entre profissionais da Psicologia, a triagem tradicional existe há mais tempo e é, também, mais conhecida por psicólogos e usuários dos serviços de saúde (ROCHA, 2011). Essa prática se constitui como uma estratégia com três objetivos principais, que são: coletar dados pessoais do cliente, identificar a queixa e realizar um breve diagnóstico. A partir dessas informações, o profissional deve criar um quadro que aponte para um encaminhamento adequado da pessoa atendida. Já a triagem interventiva, que não nega sua função de receber e colher dados do cliente, também se constitui como cuidado, ampliando a escuta para aquilo que o outro traz e o que o fez buscar a ajuda psicológica (ROCHA, 2011).

A experiência com a triagem interventiva mostrou características novas da relação que se estabelece no *setting* terapêutico, para além daquelas percebidas e vivenciadas no plantão. Nessa modalidade clínica, o simples fato de poder agendar o atendimento já implicava em uma dinâmica diferente no estabelecimento do vínculo. Ter acesso a lista de espera e entrar em contato com os clientes antes mesmo de vê-los, percebendo o modo particular de resposta de cada pessoa, diferenciava o processo, dando margem para a formação impressões que muitas vezes se distanciavam daquilo que viria a ser apresentado no momento do encontro.

Tal fenômeno pode ser comparado ao que é posto por Santos e Sá (2013), quando afirmam que, quando nos damos conta da presença de outro que demanda ajuda, nosso “olhar” atribui e subtrai suas possibilidades de ser. Por isso, no cuidado psicoterapêutico, é fundamental que haja um movimento de suspensão e recuo diante das demandas imediatas do sofrimento, visto que esse tipo de atenção permite que o cuidado clínico não fique restrito a uma substituição do outro em suas possibilidades pessoais e próprias, mas que também possa convidá-lo à experiência de liberdade essencial (SANTOS; SÁ, 2013).

Ainda, nessa modalidade, foi possível realizar atendimentos com crianças e adolescentes, experiências que também demandaram o desenvolvimento e aprimoramento de competências e habilidades essenciais para o *setting* clínico. O fato de os atendimentos serem marcados pelos pais ou responsáveis resultava em posturas diversas por parte dos pequenos clientes a serem atendidos, variando entre aqueles que entendiam a importância do processo e desejavam estar ali, até aqueles que chegavam desmotivados e se dizendo obrigados a comparecerem nos dias e horários estabelecidos. Torna-se válido salientar que mesmo com as

particularidades de cada faixa-etária e da conseqüente necessidade de variação dos recursos utilizados, os processos puderam caminhar de acordo com as ideias da abordagem rogeriana, que enfatiza a capacidade de cada indivíduo para lidar, construtivamente, com todos os aspectos de sua vida, devendo, para isso, o terapeuta, ao testemunhar o esforço do cliente, potencializar não só o seu processo de autoconhecimento, como também o desencadeamento dos recursos internos (SOUSA, 2014). Conforme o próprio Rogers (2009) ensina, é por meio da experiência de estar em uma relação que a mudança poderá surgir.

Foi possível, aqui, estar em contato com duas crianças, de 10 e 11 anos, e uma adolescente, de 15 anos. Com queixas bem delineadas pelos pais, que nos primeiros atendimentos esforçavam-se para definir todos os pontos a serem observados e trabalhados nos processos de seus respectivos filhos, os rumos dos encontros não poderiam ter sido mais surpreendentes. Das demandas enfatizadas pelos responsáveis que não se confirmaram no dia a dia clínico, até os casos nos quais foi possível vivenciar o estabelecimento de um bom vínculo e trabalhar questões próprias dos pequenos, em paralelo à ansiedade da família, cada processo caracterizou-se como único. Um ponto comum, todavia, diz respeito à necessidade de adaptação e exercício da criatividade semana após semana na tentativa de avançar algumas casas nas intervenções realizadas durante as triagens interventivas ou, ainda, regredir, a depender de cada situação (não somente de cliente para cliente, mas, principalmente, no tocante à multiplicidade encontrada em cada um deles).

Além dos atendimentos agendados através da lista de espera do serviço (infantis ou adultos), existiram também aqueles provenientes de plantões realizados anteriormente por outros estagiários. Em ambas as circunstâncias foi possível identificar particularidades e refletir a respeito das relações estabelecidas em cada processo, que não necessariamente estavam relacionados ao tempo, à quantidade ou à modalidade dos atendimentos realizados. Neste ponto é possível traçar um paralelo com o que é posto por Rogers (2009 p. 37-38), que fala: “Descobri que quanto mais conseguir ser genuíno na relação, mais útil esta será. [...] Ser genuíno também envolve a disposição para ser e expressar, em minhas palavras e em meus sentimentos e atitudes que existem em mim.”.

5 CONCLUSÃO

A partir desta experiência, foi possível iniciar o processo de compreensão da função social do profissional de Psicologia, em especial no espaço dos serviços-escola, contexto que

pode ser apontado como uma das principais ferramentas para a aproximação dessa área com a população em geral e de superação do elitismo com o qual a Psicologia esteve atrelada desde o seu surgimento.

Outro ponto que merece destaque diz respeito ao descrédito das abordagens humanistas em detrimento da supervalorização de outras orientações, refletido na dificuldade de propor e desenvolver discussões e intervenções, seja pela rigidez metodológica presente em determinados contextos ou pela insuficiência de produções na literatura que possam subsidiar o novo profissional que se aventura nesse caminho. Dessa forma, provoca-se, aqui, profissionais e pesquisadores para o desenvolvimento de mais estudos sob esta ótica vinculados à prática clínica – mas não somente à ela.

Por fim, através dos elementos discutidos neste artigo, espera-se que haja uma ampliação das reflexões acerca da organização dos estágios curriculares nas instituições de ensino, de modo que esta experiência possa ser pensada levando em consideração as possibilidades de crescimento para o aluno, tais como o vislumbre do alcance e da responsabilidade do fazer profissional e a identificação de pontos frágeis da sua formação. Faz-se necessário um olhar comprometido voltado para a construção profissional do estudante de Psicologia, atentando não só para o repasse de fundamentos das correntes teóricas ou de subáreas de trabalho, mas, principalmente, para a sua integração com a prática, de modo a prepará-lo para o encontro com os inevitáveis obstáculos compreendidos pela práxis do psicólogo contemporâneo.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Anna Elisa Villemor et al. Serviços de psicologia em clínicas-escola: revisão de literatura. **Boletim de Psicologia**, São Paulo, v. 62, n. 136, p. 37-52, jun. 2012. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0006-59432012000100005&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 29 jul. 2018.

ARAÚJO, Eliana Silva Cassimiro de; VIEIRA, Vânia Maria de Oliveira. Práticas docentes na Saúde: contribuições para uma reflexão a partir de Carl Rogers. **Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 97-104, jan/jun. 2013. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=282328025010>. Acesso em: 15 jul. 2018.

ARAÚJO, Iago Cavalcante; FREIRE, José Célio. Os valores e a sua importância para a teoria da clínica da abordagem centrada na pessoa. **Rev. abordagem gestalt.**, Goiânia, v. 20, n. 1, p. 86-93, jun. 2014. Disponível em:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672014000100012&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 28 jun. 2018.

BARLETTA, Janaína Bianca; FONSECA, Ana Lucia Barreto da; DELABRIDA, Zenith Nara Costa. A importância da supervisão de estágio clínico para o desenvolvimento de competências em terapia cognitivo-comportamental. **Psicol. teor. prat.**, São Paulo, v. 14, n. 3, p. 153-167, dez. 2012. Disponível em:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872012000300013&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 30 dez. 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Psicologia. Diário Oficial da União, Brasília, 12 abr. 2004. Disponível em:

<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/ces062.pdf>. Acesso em: 30 dez. 2018.

CERIONI, Rita Aparecida Nicioli; HERZBERG, Eliana. Expectativas de Pacientes acerca do Atendimento Psicológico em um Serviço-Escola: da Escuta à Adesão. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 36, n. 3, p. 597-609, set. 2016. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932016000300597&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 01 ago. 2018.

DANTAS, Jurema Barros. Plantão psicológico: ampliando possibilidades de escuta. **Revista de psicologia**. Fortaleza, v. 7, n. 1, p. 232-241, jan/jun. 2016. Disponível em:

<http://www.periodicos.ufc.br/psicologiaufc/article/view/5597/4034>. Acesso em: 01 ago. 2018.

DUTRA, Elza. Formação do psicólogo clínico na perspectiva fenomenológico-existencial: dilemas e desafios em tempos de técnicas. **Revista de Abordagem Gestáltica**, Goiânia, v.19, n.2, p. 205-211, dez. 2013. Disponível em:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672013000200008&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 07 dez. 2016.

EVANGELISTA, Paulo Eduardo Rodrigues Alves. **Psicologia fenomenológica existencial: a prática psicológica à luz de Heidegger**. Curitiba: Juruá, 2016.

MENEZES, Renata de Lourdes Costa de; MEDRADO, Betânia Passos. Formação em psicologia clínica: o estágio supervisionado como atividade potencial de desenvolvimento profissional. **Interscientia**, João Pessoa, v. 1, n. 2, p. 37-51, ago. 2013. Disponível em:

<https://periodicos.unipe.br/index.php/interscientia/article/view/34/31>. Acesso em: 10 jul. 2018.

MOREIRA, Jacqueline de Oliveira; ROMAGNOLI, Roberta Carvalho; NEVES, Edwiges de Oliveira. O surgimento da clínica psicológica: da prática curativa aos dispositivos de promoção da saúde. **Psicologia: ciência e profissão**, Brasília, v. 27, n. 4, p. 608-621, dez. 2007. Disponível em:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932007001200004&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 29 nov. 2016.

OLIVEIRA, Rodrigo Giannangelo de. **Uma experiência de plantão psicológico à polícia militar do estado de São Paulo**: reflexões sobre sofrimento e demanda. 2005. 141 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Psicologia, Departamento de Psicologia da Aprendizagem, do Desenvolvimento e da Personalidade, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-25092006-150414/pt-br.php>. Acesso em: 07 dez. 2017.

OLIVEIRA-MONTEIRO, Nancy Ramacciotti de et al . Reflexões sobre ética na supervisão em psicologia. **Boletim de Psicologia**, São Paulo, v. 63, n. 139, p. 217-225, dez. 2013. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0006-59432013000200009&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 30 dez. 2018.

PERES, Rodrigo Sanches; SANTOS, Manoel Antônio dos; COELHO, Heidi Miriam Bertolucci. Atendimento psicológico a estudantes universitários: considerações acerca de uma experiência em clínica-escola. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, Campinas, v. 20, n. 3, p. 47-57, dez. 2003. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2003000300004&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 29 jul. 2018.

RAMALHO, Maria Regina Trajano; GOMES, Danyelle de Oliveira; TASSIGNY, Mônica M. A busca do conhecimento na contemporaneidade: debate crítico sobre a contribuição da ACP. In: TASSIGNY, Mônica M.; SAMPAIO, Patrícia Passos (Org.). **Temas em psicologia I: experiências em pesquisa** Fortaleza: [s.n.], 2010. p. 261-292.

REBOUÇAS, Melina Séfora Souza; DUTRA, Elza. Plantão psicológico: uma prática clínica da contemporaneidade. **Revista de Abordagem Gestáltica**, Goiânia, v. 16, n. 1, p. 19-28, junho 2010. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672010000100004. Acesso em: 21 nov. 2016.

RECHTMAN, Raizel. O FUTURO DA PSICOLOGIA BRASILEIRA: uma questão de projeto político. **Revista Psicologia, Diversidade e Saúde**, Salvador, v. 4, n. 1, p. 69-77. 2015. Disponível em: <https://www5.bahiana.edu.br/index.php/psicologia/article/view/578/525>. Acesso em: 30 jul. 2018.

ROCHA, Maria Cristina. Plantão psicológico e triagem: aproximações e distanciamentos. **Rev. NUFEN**, São Paulo, v. 3, n. 1, p. 119-134, 2011. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912011000100007&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 24 nov. 2016.

ROGERS, Carl R.. **Tornar-se pessoa**. 6. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

ROGERS, Carl R.; STEVENS, Barry. **De pessoa para pessoa: o problema de ser humano: uma nova tendência na psicologia**. 4. ed. São Paulo: Pioneira, 1991.

SANTIAGO, Camila Bispo. **Uma rica experiência:** reflexão teórico - vivencial de uma estagiária embasada na Abordagem Centrada na Pessoa. 2010. 31 f. TCC (Graduação) - Curso de Psicologia, Departamento de Psicologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2010. Disponível em: <http://newpsi.bvs-psi.org.br/tcc/CamilaSantiago.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2018.

SANTOS, Danielle de Gois; SA, Roberto Novaes de. A existência como “cuidado”: elaborações fenomenológicas sobre a psicoterapia na contemporaneidade. **Rev. abordagem gestalt.**, Goiânia, v.19, n.1, p. 53-59, jul. 2013. Disponível em: http://pepsci.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672013000100007&Ing=pt&nrm=iso. Acesso em: 08 dez. 2016.

SOUSA, Lígia Cristina Azevêdo. **As contribuições da abordagem centrada na pessoa ao transtorno depressivo:** um estudo de caso. 2014. 51 p. Monografia (Curso de Psicologia do Departamento de Psicologia) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014.

ZURBA, Magda do Canto. A clínica psicológica no contexto das políticas de saúde mental no Brasil. **Cadernos Brasileiros de Saúde Mental**, Florianópolis, v. 7, n. 16, p. 86-94. 2015. Disponível em: <http://incubadora.periodicos.ufsc.br/index.php/cbsm/article/view/3381/4329>. Acesso em: 01 jan. 2019.